



Entre a África e a Espanha, entre o “inferno” e o “paraíso”:
representações do espaço nos testemunhos de imigrantes subsaarianos

Between Africa and Spain, between “hell” and “paradise”:
representations of space in Sub-Saharan immigrants’ testimonies

Entre África y España, entre el “infierno” y el “paraíso”:
representaciones del espacio en los testimonios de inmigrantes
subsaharianos

Ana Paula de Souza
anpdesouza@hotmail.com

Resumo

Neste artigo apresento resultados parciais de um projeto de pesquisa dedicado a estudar testemunhos escritos por imigrantes subsaarianos radicados na Espanha sobre sua experiência de imigração e integração social, realizando um estudo interpretativo e crítico dessa literatura produzida em espanhol. O objetivo central deste artigo é analisar os testemunhos *El viaje de Kalilu* e *3052. Persiguiendo un sueño*, investigando como dois escritores imigrantes instauram as relações entre espaços geográficos, África/Gambia/Senegal *versus* Europa/Espanha, e sua representação imaginária no texto de teor testemunhal. Com relação ao referencial teórico que orienta as análises, utilizo pressupostos que permitem uma aproximação hispânica à geocrítica francesa. Os conceitos dos estudos da memória cultural auxiliam na discussão da relação entre espaço e memória, e outras reflexões teóricas sobre o exílio orientam as análises da condição do imigrante ilegal. Uma das principais conclusões deste artigo é a descoberta do valor literário destes testemunhos: *El viaje de Kalilu* é um importante testemunho traumático da experiência do subsaariano ao longo da jornada de imigração, e *3052* é um texto que, liricamente, revela a visão pouco ortodoxa e inconveniente do “outro” africano sobre a cêntrica Espanha.

Palavras-chave: testemunho, imigração subsaariana, espaço.

Abstract

In this article, I present partial results of a research project aimed to study testimonies written by sub-Saharan immigrants settled in Spain about their experience of immigration and social integration through an interpretative and critical review of this literature produced in Spanish. The main aim of this article is to analyze the testimonies *El viaje de Kalilu* and *3052. Persiguiendo un sueño*, investigating how two immigrant writers introduce the relations between geographic spaces, Africa/Gambia/Senegal *versus* Europe/Spain, and their imaginary representation in the text of testimonial content. In relation to the theoretical framework, which guides the analyses, Marqués Meseguer’s assumptions enable a Hispanic approach to geocritics. Assmann’s concepts help in the discussion on the relation between space and memory, and Arendt, Kristeva and Agamben’s reflections guide the analyses of illegal immigrant’s circumstances. One of the main conclusions of this article is the discovery of the literary value of these testimonies: *El viaje de Kalilu* is an important traumatic testimony of the sub-Saharan throughout his immigration journey, and *3052* is a text that, lyrically, reveals the unorthodox and inconvenient view of the “other” African about central Spain.

Keywords: testimony, Sub-Saharan immigration, space.

Resumen

En este artículo presento resultados parciales de un proyecto de investigación dedicado a estudiar testimonios escritos por inmigrantes subsaharianos radicados en España acerca de su experiencia de inmigración e interacción social, realizando un estudio interpretativo y crítico de esa literatura producida en español. El objetivo central de



este artículo es analizar los testimonios *El viaje de Kalilu y 3052. Persiguiendo un sueño*, investigando cómo dos escritores inmigrantes establecen las relaciones entre espacios geográficos, África/Gambia/Senegal versus Europa/España, y su representación imaginaria en el texto de contenido testimonial. A lo que concierne al referencial teórico que orienta los análisis, utilizo presupuestos que permiten un acercamiento hispánico a la geocrítica francesa. Los conceptos de los estudios de memoria cultural colaboran en la discusión de la relación entre espacio y memoria, y otras reflexiones teóricas sobre el exilio orientan los análisis de la condición del inmigrante indocumentado. Una de las principales conclusiones de este artículo es la descubierta del valor literario de estos testimonios: *El viaje de Kalilu* es un importante testimonio traumático de la experiencia del subsahariano a lo largo de la jornada de inmigración, y *3052* es un texto que, líricamente, revela la visión poco ortodoxa e inconveniente del “otro” africano sobre la céntrica España.

Palabras-clave: testimonio, inmigración subsahariana, espacio.

1. Introdução

Segundo Reolons Arquer (2015, p. 5), a Espanha, que até os anos 1990 era uma nação de emigrantes, viu o fluxo migratório inverter-se definitivamente, sendo o ano de 2007 o auge da entrada de imigrantes no país. Nos anos 1970, os primeiros imigrantes a chegar à Espanha foram os marroquinos e os hispano-americanos, refugiados das ditaduras da América Latina. A partir dos anos 1980, com o processo de modernização do país e o crescimento econômico que aqueceram o ramo da construção civil, a Espanha passou a necessitar da mão de obra imigrada, o que atraiu os primeiros imigrantes asiáticos e africanos subsaarianos, porém, em um número ainda pouco expressivo (PAJARES ALONSO, 2015, p. 32). A imigração da população subsaariana para a Espanha intensificou-se realmente na primeira década dos anos 2000, devido à extrema pobreza e às guerras civis que ainda assolam o continente africano, e à completa ausência de perspectiva de futuro, sobretudo para os mais jovens.

As imagens de africanos subsaarianos chegando à costa espanhola em embarcações precárias rodam o mundo por meio das notícias midiáticas, no entanto, pergunto: o que há para além dessas imagens? Esses imigrantes estariam produzindo alguma literatura que dê testemunho da experiência de imigração, ou das condições de vida do imigrante no novo país? Essa indagação deu origem a um projeto de pesquisa que tem, como principal objetivo, descobrir e divulgar o que os imigrantes subsaarianos radicados na Espanha têm escrito sobre sua experiência de imigração e integração social, realizando um estudo interpretativo e crítico dessa literatura produzida em castelhano.

O interesse da crítica literária espanhola sobre a presença do imigrante na literatura produzida no país, seja na condição de personagens, seja na de escritores, ainda é escasso. Em um estudo de 2003, um dos mais completos sobre o tema da imigração na literatura espanhola,



Marco Kunz (2003, p. 133) lamentava que a imigração como temática e a presença de escritores imigrantes ainda não tinham alcançado, no país, o espaço que já ocupavam nas literaturas francesa e bretã. No momento em que realizou sua extensa e minuciosa pesquisa, Kunz (2003, p. 111) afirmou que, na Espanha, ainda não havia imigrantes escrevendo sobre a própria experiência de deslocamento.

Do contexto estudado por Kunz aos dias atuais, alguma coisa mudou. Em um artigo de jornalismo cultural de Carlos Bajo Erro (2015), descobri a existência de dois textos de teor testemunhal que apresento e discuto neste artigo: *El viaje de Kalilu*, do gambiano Kalilu Jammeh, publicado em 2009, e *3052. Persiguiendo un sueño*, do senegalês Mamadou Dia (1983), publicado em 2012.

A questão geográfica é fundamental na organização textual desses testemunhos, o que se pode perceber já pelos títulos das obras. Kalilu propõe para seu livro o subtítulo: “Cuando llegar al paraíso es un infierno. De Gambia a España: 17.345 km en 18 meses”. Para além da oposição entre os substantivos “paraíso” e “infierno”, e o emprego dessas palavras como metáforas que representam, respectivamente, a Espanha e a viagem de imigração, Kalilu deseja enfatizar para o leitor de seu relato o absurdo da viagem de imigração: a imensa distância percorrida entre os pontos de partida e de chegada, e o longo tempo de duração de sua jornada.

No testemunho de Dia, a questão da distância é tão crucial que as cifras que representam o trajeto percorrido pelo mar, entre o Senegal e a Espanha, intitulam a obra. No subtítulo, dentro do mesmo campo semântico da palavra “paraíso” empregada por Kalilu, Dia utiliza o substantivo “sueño” como metáfora para a imigração à Espanha.

Ao apresentar as bases sobre as quais se fundamenta a geocrítica concebida por Bertrand Westphal, Josep Marqués Meseguer (2017, p. 12) explica que a proposta dessa vertente crítica é estudar as interações estabelecidas entre os espaços humanos e a literatura, uma conexão construída a partir de uma dialética entre o espaço real e o espaço imaginado do texto literário, o que redundará na constituição de um espaço que é, ao mesmo tempo, real e imaginário. O espaço passa a ser um referente com o qual o texto literário estabelece intertextualidade.

Portanto, o objetivo central deste artigo é analisar as formas como esses dois escritores imigrantes instauram as relações entre espaços geográficos – continentes/ países de origem e de imigração - e a representação imaginária desses espaços no texto de teor testemunhal.



Como objetivos específicos, proponho neste artigo: identificar as metáforas criadas pelos escritores para simbolizar os espaços; comparar suas percepções sobre esses mesmos espaços; analisar as imagens criadas para representar lugares de trânsito como o deserto do Saara e o mar; interpretar os significados atribuídos à categoria do entre lugar na experiência de imigração; compreender como a imagem do continente/país natal é construída a partir da memória; e verificar como a dialética das relações entre África e Europa é retomada em reflexões sobre os temas históricos da escravidão e da colonização.

2. África e Europa: “inferno” e “paraíso”

Ao ler o subtítulo do testemunho de Kalilu, “Cuando llegar al paraíso es un inferno”, imaginei que os dois lugares antagônicos aos quais as metáforas “paraíso” e “inferno” se referiam fossem uma alusão a um mesmo lugar, à Espanha, e que a frase representaria a desmistificação da ideia do país europeu como paraíso, como terra prometida de prosperidade. No entanto, ao concluir a leitura desse testemunho, constatei que minha conjectura inicial estava equivocada. No discurso de Kalilu, sobretudo nas partes finais do livro, fica evidente que a Espanha continua sendo um “paraíso”, e que o “inferno” é mesmo a África, e chego a esta conclusão devido ao fato de que o testemunho de Kalilu se concentra em narrar o terror da viagem de imigração, um terror vivido em território africano. Ao narrar sua peregrinação como imigrante clandestino por oito países do continente africano, Kalilu oferece um relato detalhado de uma viagem marcada pelo signo da morte. No prólogo do livro, o antropólogo Joan Manuel Cabezas (2009, *Prólogo*¹) informa sobre aquilo que chama de “holocausto invisível”: noventa e cinco por cento dos jovens africanos que iniciam a mesma viagem que Kalilu não alcançam o destino final, são mortos ou tornam-se desaparecidos.

Nos testemunhos dos imigrantes subsaarianos radicados na Espanha, observei que os autores enfatizam e dedicam boa parte da narrativa a relatar as terríveis condições da viagem. Em seu testemunho, Kalilu chama a atenção para o fato de que a mídia internacional noticia as mortes dos imigrantes africanos no mar, mas ignora que a maior parte das mortes acontecem na parte terrestre da viagem. As agruras enfrentadas pelos jovens africanos ao longo da jornada, e

¹ Não há referência de página por se tratar de *E-book*, portanto, todas as referências a esse livro constarão do ano de publicação da obra, seguido do título da parte ou capítulo dos quais foi extraída a citação direta ou indireta.



que muitas vezes os levam ao encontro da morte, são inúmeros: fome, sede, calor ou frio intensos, chuvas torrenciais. A perda de peso e a desidratação são inevitáveis. Os viajantes passam as noites ao relento ou em acampamentos clandestinos. Doenças como malária e diarreia são corriqueiras e letais, pois a água disponível está quase sempre contaminada. Os imigrantes estão expostos a ataques de animais selvagens, sofrem afogamentos, alguns desenvolvem transtornos mentais. Ao sair de seus países, esses jovens africanos tornam-se viajantes ilegais, não possuem os documentos e vistos exigidos ao longo do trajeto, ou pagam caro por documentos falsificados, por isso são detidos, torturados, deportados e assassinados. São agredidos pelas populações dos lugares por onde passam, sofrem golpes de toda sorte aplicados por pessoas que integram a cadeia de imigração ilegal e que sobrevivem de explorar os imigrantes. São vítimas de roubos, corrupção policial, multas, por isso o dinheiro angariado no início da viagem nunca é suficiente. À medida em que se avança no trajeto, a viagem vai ficando cada vez mais cara.

Longos trechos do deserto do Saara são atravessados a pé, uma travessia na qual muitos padecem. A rede de transporte de imigrantes é ilegal, cara e realizada em veículos que deveriam estar fora de circulação. Os africanos viajam escondidos nos bagageiros de carros e táxis despedaçados, em trens que descarrilam, nas carrocerias de caminhões e em ônibus superlotados, nos quais são comuns as mortes provocadas por acidentes, por asfixia ou por brigas entre etnias rivais. São comuns os episódios de pânico coletivo. No desespero, muitos se jogam pelas janelas dos ônibus, que vão deixando à beira do caminho rastros de corpos que têm de ser recolhidos pelos próprios viajantes, para que a polícia não rastreie os veículos. Alguns lugares do deserto do Saara são verdadeiros cemitérios a céu aberto.

Devido a todo esse terror, na topografia da narrativa de Kalilu, o deserto do Saara, o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico são metaforizados como imensos cemitérios de africanos, sobretudo o deserto, onde são atirados os corpos dos assassinados pelos assaltantes ou dos que não suportam as vicissitudes da travessia e, exauridos, vão caindo pelo caminho.

Quando finalmente conseguem alcançar o litoral africano, os imigrantes pagam caro para embarcar em canoas precárias, muitas vezes reparadas por eles mesmos. Há explosões e naufrágios.

No testemunho de Kalilu, o trajeto da viagem de imigração é representado pela imagem do entre lugar, pois os viajantes encontram-se em trânsito, entre a terra natal e a tão sonhada



Europa. Viver nesse entre lugar, na incerteza de alcançar o destino final, perdido em um trajeto ao longo do qual a morte apresenta sua face a cada instante, é uma experiência traumática. Depois de atravessar boa parte do território marroquino a pé e de finalmente entrar em um carro que o levaria ao litoral, Kalilu relata ter sofrido de um estado alterado de consciência em que a memória traumática lhe retornou. Ao narrar o delírio, o protagonista se refere a esse imenso entre lugar no qual o continente africano se tornou como “tierra de nadie”: “Quando o carro começou a se mover caí numa espécie de transe, durante o qual fui transportado de volta a todos os lugares pelos quais havia passado desde que deixei Serekunda, lugares aos quais logo chamei ‘terra de ninguém’”. (JAMMEH, 2009, *Atravesando Marruecos a pie*. Tradução do autor)²

Mas, nem todos os jovens imigrantes tem a sorte de, assim como Kalilu, vencer o entre lugar e alcançar o tão sonhado “paraíso”. A maioria dos que um dia tomam a decisão de deixar seus países rumo à Europa, não conseguem chegar ao destino final e tampouco retornar ao lugar de origem, tornando-se habitantes permanentes desse imenso entre lugar que é, na narrativa de Kalilu, o continente africano. O escritor gambiano dedica boa parte de seu testemunho a narrar como é a vida desses desaparecidos.

É uma prática comum entre os imigrantes nunca dizer uns aos outros seus verdadeiros nomes e nacionalidades, por isso, quando alguém morre ou se perde pelo caminho, é praticamente impossível para as famílias obter qualquer informação sobre o familiar desaparecido. Na representação de Kalilu, a África é um grande território de deslocados, tanto que o narrador relata que a imagem do africano desaparecido se tornou cultural e povoa seu imaginário desde a infância.

Os habitantes do entre lugar são condenados a viver a condição de eterna estrangeira, não conseguem realizar o sonho de chegar à Europa e tampouco conseguem voltar para casa, seja porque falta o dinheiro, seja porque voltar significa admitir o fracasso perante a comunidade. Muitos não têm outra alternativa de sobrevivência senão tornar-se foras da lei. Alguns chegam a passar vinte anos vivendo nesse entre lugar. Sem retornar ao país de origem e sem conseguir o dinheiro e os documentos necessários para seguir viagem, eles passam a sobreviver da exploração dos demais viajantes, integrando a grande e complexa rede de

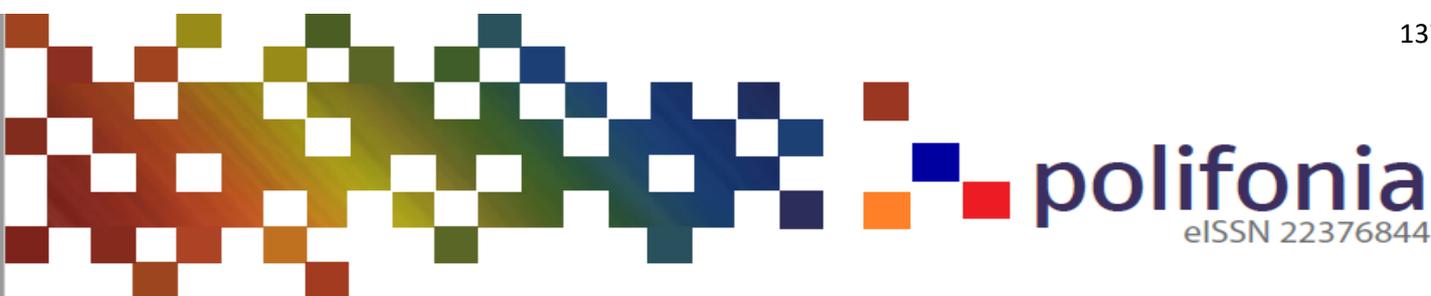
² Cf. “Cuando el coche empezó a moverse caí en una especie de transe, durante el cual fui transportado de nuevo a todos los lugares por los que había pasado desde que dejé Serekunda, lugares a los que luego llamé ‘tierra de nadie’”. (JAMMEH, 2009, *Atravesando Marruecos a pie*)



imigração ilegal. Tornam-se ladrões, traficantes de seres humanos e de drogas, aliciadores, falsificadores, golpistas, prostituem-se e terminam por ingressar em grupos guerrilheiros nos países pelos quais vão passando. Entre esse enorme contingente de deslocados, um grande número é de crianças, cujos pais morrem ou desaparecem. Órfãs ou abandonadas, essas crianças são vítimas dos traficantes de seres humanos e acabam escravizadas.

No prólogo do livro de Kalilu, Cabezas (2009, *Prólogo*) afirma que o objetivo do narrador-protagonista é alertar a outros africanos sobre a falácia da terra prometida. Discordo do antropólogo, porque entendo que o objetivo do autor desse testemunho é alertar sobre o terror da viagem. Interpreto a visão positiva de Kalilu sobre a Espanha como sendo, por um lado, ingênua, e por outro, fruto do sofrimento extremo, absurdo e indizível ao qual o protagonista foi submetido em seu continente de origem. Por mais hostil que possa ser o país europeu que recebe o imigrante subsaariano, é difícil competir com a brutal experiência vivida em terras africanas. Para Kalilu, ao oferecer aos imigrantes africanos uma estrutura mínima de acolhida, o governo espanhol não estava apenas cumprindo com o seu dever humanitário, estava salvando vidas. O protagonista vê nos guardas civis espanhóis que o resgataram do mar, generosos protetores. Interpreta como amável o gesto dos guardas de oferecer água e comida aos imigrantes resgatados. Qualquer campo de refugiados espanhol seria mais agradável que os inúmeros esconderijos imundos e superlotados nos quais esteve Kalilu durante sua longa jornada. O protagonista não questiona, por exemplo, a razão pela qual, diferentemente dele, imigrantes senegaleses, marroquinos e nigerianos eram deportados. E mesmo relatando que havia passado as primeiras noites em território espanhol dormindo ao relento, passando frio e fome, e sendo vítima de propostas de prostituição, Kalilu encerra o testemunho agradecendo ao governo espanhol. Receber o certificado de permissão de asilo era como receber uma carta de alforria: “Depois de ter sido tratado como escravo, tinha recuperado minha dignidade e liberdade. A dor e a tortura eram, finalmente, coisas do passado [...]” (2009, *En medio del mar*. Tradução do autor)³. É recorrente nos testemunhos de imigrantes subsaarianos a retomada do episódio histórico da escravidão africana como metáfora para a condição contemporânea dessa população.

³ Cf. “Después de haber sido tratado como esclavo, había recuperado mi dignidad y libertad. El dolor y la tortura eran por fin cosa del pasado [...]” (2009, *En medio del mar*).



Como se vê, no fim de seu testemunho, Kalilu ainda relaciona as ideias de escravidão, sofrimento e violência ao continente africano no qual se desenrolou a maior parte de seu trajeto de imigração, e associa os conceitos de dignidade humana e liberdade à chegada em território espanhol.

Kalilu dedica apenas o último capítulo de seu testemunho a relatar os primeiros dias vividos na Espanha, um capítulo que tem o esperançoso título *Empezar una nueva vida en España*, frase em que o verbo “empezar” e o adjetivo “nueva” embutem essa ideia de recomeço e de expectativa positiva. O narrador-protagonista menciona brevemente as experiências negativas que os imigrantes africanos podem viver na Europa, como o caso dos imigrantes tunisianos que, capturados no mar, passam meses detidos em prisões europeias nas quais sofrem tortura e são submetidos a trabalhos forçados. Apenas uma vez em todo o seu testemunho Kalilu pensa na Espanha como um lugar atópico, onde poderia ser preso, deportado ou condenado à pena de morte.

Ao longo do testemunho, progressivamente, Kalilu vai construindo uma autoimagem de herói. Ele se apresenta como um ser humano compassivo e solidário: compartilha comida e dinheiro, ajuda as crianças abandonadas, as mulheres prostituídas, recusa-se a se apropriar do dinheiro dos companheiros de viagem mortos e, embora estivesse vivendo uma experiência que naturalmente poderia tornar o ser humano mais recrudescido, nunca deixa de observar e de se sensibilizar com a dura realidade que vê pelo caminho. Entre os diversos grupos com os quais convive ao longo da jornada, Kalilu figura sempre como uma espécie de líder, responsável por alentar o ânimo e preservar a sanidade mental dos demais.

Não critico a construção da autoimagem heroica que o narrador cria, trata-se de uma atitude perfeitamente compreensível que não representa falta de modéstia. Depois de ler o testemunho de Kalilu, não consigo ver outra coisa no rosto de um imigrante subsaariano que não a figura de um autêntico herói da contemporaneidade. Entretanto, é sintomático o fato de que o narrador não utiliza a palavra herói enquanto narra suas benfeitorias realizadas durante sua passagem pelo adverso território africano, empregando-a apenas no momento em que narra sua chegada à Espanha: “E de repente me senti um herói, por todas as provações que eu tinha superado.” (2009, *En medio del mar*. Tradução do autor)⁴ Desse modo, depreendo do discurso

⁴ Cf. “Y de repente me sentí un héroe, por todas las pruebas que había superado.” (2009, *En medio del mar*)



de Kalilu que herói não é aquele que suporta as vicissitudes do caminho de imigração, mas aquele que alcança o “paraíso”. Kalilu é, no dizer de Julia Kristeva (1994, p. 18), o estrangeiro “crédulo”, aquele que tem sobre o país de imigração uma visão transcendental. O impulso que o faz imigrar é uma ideia apaixonada, insaciável e obstinada de que a outra terra será sempre a terra prometida.

3. O paraíso desmistificado

O senegalês Mamadou Dia (1983), depois de ter de abandonar o curso de administração de empresas que cursava em Dakar por causa da crise no setor pesqueiro do país (sua família vivia da pesca), decide arriscar a vida embarcando em uma das precárias *pateras*⁵ que constantemente atravessam o mar Mediterrâneo ou o oceano Atlântico entre a costa africana e as Ilhas Canárias. Após dias enfrentando as condições mais adversas como superlotação da embarcação, grandes ondas, ventanias, temporais, calor e frio intensos, doenças e enfraquecimento físico e mental, Dia aportou em território espanhol em 2006.

Assim como o testemunho de Kalilu, a narrativa de Dia pode ser analisada sob a perspectiva das representações geográficas de África/Senegal *versus* Europa/Espanha.

Com relação à representação que Dia estabelece do continente/país natal, observei uma postura contrária à constatada no discurso de Kalilu. Se no testemunho do gambiano o continente Africano é representado sob o signo do inferno, no relato do senegalês o continente é representado sob um prisma positivo. A imagem que Dia propõe ao leitor sobre seu continente e, sobretudo, sobre seu país, é a imagem de um lugar onde predomina a simplicidade e onde a vida em comunidade é fundamental. Tanto que Dia dedica um capítulo do livro para explicar a cerimônia do *ataya*, uma reunião familiar e comunitária realizada após o almoço, em que todos se reúnem para tomar um chá e conversar. O *ataya* é colocado pelo autor como uma metáfora para o valor da vida em comunidade para sua cultura. O Senegal é qualificado como um país hospitaleiro em que prevalece a solidariedade.

⁵ Pequenas embarcações fabricadas para a caça de patos, inadequadas, portanto, para o transporte de passageiros. São muito utilizadas pelos imigrantes africanos que desejam chegar à Europa, porque são embarcações de baixo custo e manutenção. Diminutas, são mais difíceis de serem rastreadas pelo controle náutico dos países europeus.



Vivendo na Espanha, o Senegal narrado por Dia não é mais o Senegal vivido, mas o país recuperado pela memória. O escritor senegalês imaginariamente recria a terra natal em seu texto literário como um “local de família” ou “local de gerações”, conceito proposto por Aleida Assmann (2011, p. 320). Esses locais de família ou de gerações são dotados de uma força de memória especial, pois, estão ligados, fixa e duradouramente, às histórias de família. São os lugares nos quais os membros de uma mesma família nasceram e morreram, locais que detêm o progresso. É difícil suspender o parentesco que o homem estabelece com o local de família ou de gerações, cortar o elo afetivo, “vencer a magia do solo”. (ASSMANN, 2011, p. 321) Quando estabelece essa narrativa nostálgica, afetiva e positiva sobre o país natal, Dia está portando-se como um homem arcaico, arraigado ao local de família, e que ainda encontra dificuldades para se tornar o homem moderno móvel que a experiência de imigração exige que ele seja.

Apesar de construir essa imagem afirmativa de seu continente e seu país, Dia não é, definitivamente, um escritor ingênuo, e discute com clareza e propriedade os problemas da África. No entanto, ao abordar o continente pelo viés de suas mazelas, o autor não estabelece uma visão negativa, pelo contrário, transfere essa visão negativa para os países ricos aos quais atribui a responsabilidade histórica pelo atual caos africano. No testemunho de Dia, os problemas da África são representados por uma tríade temática que estabelece vínculos entre passado e presente: escravidão, colonização e exploração contemporânea do continente.

Ao recorrer reiteradamente ao tema da escravidão, Dia revela o discurso de um cidadão dotado de memória histórica e coletiva. Ao relatar a passagem de sua precária embarcação pela ilha senegalesa de Goree, o narrador-protagonista recorda o fato de que naquele espaço havia funcionado um comércio de escravos, e aproveita para estabelecer a relação entre a diáspora africana na época da escravidão e a diáspora contemporânea do fenômeno migratório.

De acordo com Assmann (2011, p. 347): “Um local – está claro – só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las.” Muitos cidadãos africanos poderiam passar pela ilha de Goree sem nem sequer imaginar o passado que aquele espaço encerra. O comentário de Dia é revelador da consciência que o escritor detém sobre um trauma histórico.

Espaços como a ilha de Goree são o que Assmann denomina “locais traumáticos”:



Locais traumáticos diferenciam-se de locais memorativos, na medida em que se fecham a uma formação afirmativa de sentido. [...] O local traumático preserva a virulência de um acontecimento que permanece, como um passado que não se esvai, que não logra guardar distância. (ASSMANN, 2011, p. 349, 350)

Não há distância histórica suficiente para esquecer um crime contra a humanidade como foi a escravidão africana, trata-se de um crime que não prescreve, que está vinculado à memória histórica. Os locais são mediadores entre passado e presente, apontam para um passado invisível e preservam o vínculo. E os locais traumáticos, em particular, estão assentados sobre feridas que não querem, e talvez não devam cicatrizar. O discurso literário de Dia mostra um cidadão contemporâneo capaz de enxergar, na experiência que vive, um trauma histórico que se repete no presente.

Quanto ao segundo tema, o da colonização, Dia o aborda sob duas perspectivas, a do passado e a do presente. O autor atribui aos países europeus que exploraram países africanos como colônias, a responsabilidade pelo estado de empobrecimento do continente, acusando também um processo de neocolonialismo contemporâneo que é cultural e propagado pelos meios de comunicação: os jovens africanos vem abandonando cada vez mais os hábitos culturais africanos para incorporar os hábitos europeus e norte-americanos. Esse estilo de vida tornou-se um ideal para a juventude africana que, carente de expectativa de futuro no próprio continente, passa a acreditar que a única possibilidade de melhora de vida é a imigração.

Com relação ao terceiro tema, o da exploração contemporânea do continente africano pelas nações ricas, Dia acusa a ingerência desses países na corrupção política que assola os países africanos, a dependência econômica, o desequilíbrio nas relações comerciais, e a desigualdade entre europeus e africanos no que diz respeito ao direito de ir e vir. Este trecho de autêntica prosa poética demonstra a consciência crítica do escritor atrelada à sua habilidade literária:

Quando o poderoso manda, goela abaixo há que se cumprir.
 Quando o poderoso chama, goela abaixo há que responder.
 Quando o poderoso rouba, goela abaixo há que calar a boca.
 Quando o poderoso mata, goela abaixo há que se culpar o morto. Mas, até quando?
 (DIA, 2017, p. 35. Tradução do autor)⁶

⁶ Cf. “Cuando el poderoso manda, por narices hay que cumplir.

Quando el poderoso llama, por narices hay que contestar.

Quando el poderoso roba, por narices hay que tapar la boca.

Quando el poderoso mata, por narices hay que culpabilizar al muerto. Pero, ¿hasta cuándo?” (DIA, 2017, p. 35)



As potencias ocidentais, representadas pela metáfora personificada “o poderoso”, exercem seu poder sobre o continente africano (“manda”/ “chama”/ “rouba”/ “mata”) de maneira forçada (“goela abaixo”). A África é colocada em posição de subalternidade (“cumprir”/ “responder”/ “calar a boca”), e responsabilizada por suas próprias mazelas (“há que se culpar o morto”).

Mas, deixando a África e partindo rumo à representação que o escritor senegalês constrói sobre a Espanha, há um espaço intermediário que recebe do autor uma interessante representação imaginária: o mar, essa imensa e *sui generis* fronteira que separa as costas senegalesa e espanhola.

Marqués Meseguer (2017, p. 17) lembra que, em algumas análises literárias de Wesphal, o mar ocupa o lugar central, simbolizando pelo aspecto móvel da água, a interconexão das sociedades colocadas em um plano simétrico de autêntico diálogo entre culturas, entre semelhantes, em uma perspectiva intercultural. No testemunho de Dia, o mar ainda é representado como fronteira, como barreira a ser transposta para se ascender da inferior África para a superior Europa. A assimetria desfaz as possibilidades de interação, diálogo, equalização e troca cultural, embora o autor acredite no ideal da interculturalidade.

Logo no prólogo do relato, Dia pondera que, antes de tomar a decisão de imigrar, sentiu que o futuro da juventude africana apontava em direção ao mar. Logo mais adiante, o autor abre o capítulo em que narra a travessia do oceano com um poema dedicado ao mar:

Mar testemunha,
 Mar amigo que com teus peixes davas alimento
 ao meu povo, ao meu país e à terra inteira.
 Mar, com tua melodia nos alentamos,
 em tuas águas nos banhamos.
 Mar, suportaste em tuas costas os meus avós
 quando iam
 para outros continentes e a outros lhes engoliste
 as almas.
 Hoje é a minha vez, estou no teu ventre
 com a esperança de alcançar
 uma terra onde não sei se me deixarão entrar.
 Mar, por favor, cuide de mim e dos meus irmãos.
 Mar, es o único recurso que nos resta, dê-nos a
 sorte
 de chegar vivos e sãos. (DIA, 2017, p. 50. Tradução do autor)⁷

⁷ Cf. “Mar testigo,
 Mar amigo con tus peces que has dado comida



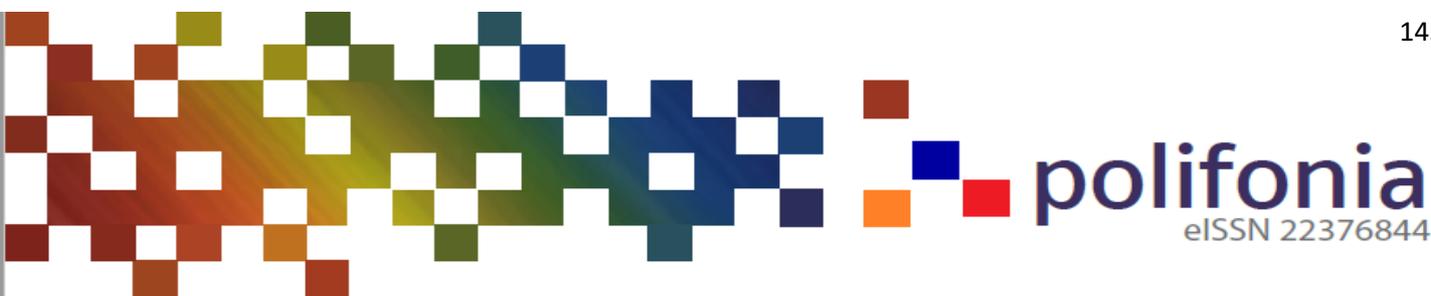
A personificação do mar indica seu protagonismo na cultura senegalesa. Como numa espécie de linha evolutiva, o poema revela os diferentes significados que o mar teve e tem para a cultura da qual o autor faz parte: já foi símbolo de sustento e diversão, mas é também símbolo do trauma histórico da escravidão e da morte de africanos, tanto no passado quanto no presente, em que o mar simboliza a imigração, a única possibilidade de futuro.

Um procedimento recorrente no testemunho de Dia é a metáfora da animalização do mar, uma besta feroz que devora e sacia sua fome com vidas africanas. Essa metáfora está presente no poema e se repete na narrativa em prosa liricamente construída: “Todas as suas velas se apagaram com as rajadas de ventos do Atlântico. O grande oceano de tristeza tinha engolido seus sonhos para encher sua grande barriga.” (DIA, 2017, p. 24. Tradução do autor)⁸ Se no testemunho de Kalilu o Saara é o grande cemitério, no relato de Dia é o Atlântico que é representado como o lugar da morte.

Mas, ao contrário de tantos que não tiveram a mesma sorte, Dia consegue vencer as ameaças do grande mostro faminto e chega finalmente à Espanha, o espaço que merece, por parte do escritor senegalês, a representação mais detida e complexa. Ao contrário do que ocorre no testemunho de Kalilu, em que a Espanha continua sendo representada como “paraíso”, na visão mais madura, consciente e crítica de Dia, a imagem do país como terra prometida é desmistificada desde o primeiro contato. Dia é o que Kristeva (1994, p. 18) chamaria de estrangeiro “ironista”, aquele que tem sobre o país de imigração uma visão desiludida.

a mi pueblo, a mi país y a la tierra entera.
 Mar, con tus melodías nos relajamos,
 en tus aguas nos bañamos.
 Mar, has soportado en tu espalda a mis abuelos
 cuando iban
 hacia otros continentes y a otros les has tragado
 sus almas.
 Hoy es mi turno, estoy en tu vientre
 con la esperanza de alcanzar
 una tierra donde no sé si me dejarán entrar.
 Mar, por favor, cuídanos a mí y a mis hermanos.
 Mar, eres el recurso que nos queda, danos la
 suerte
 de llegar vivos y sanos.”(DIA, 2017, p. 50)

⁸ Cf. “Todas sus velas se apagaron con las ráfagas de vientos del Atlántico. El gran océano de tristeza se había tragado sus sueños para llenar su gran barriga.” (DIA, 2017, p. 24)



O testemunho de Dia possibilita uma visão descentralizada e profunda da Espanha, numa inversão da tradicional dialética eu *versus* outro. O eu que observa não é o homem branco europeu, mas o negro africano, sempre associado ao papel do outro. O outro observado passa a ser o europeu.

Ainda no prólogo de *3052*, a Espanha é metaforizada antiteticamente como um “inferno helado”, que continua a castigar os imigrantes depois de todo o sacrifício ao qual se submeteram para imigrar. Logo nas primeiras horas em território espanhol, Dia se dá conta de que a Espanha sonhada não condiz com a Espanha vivida, ao relatar a penúria do campo de refugiados.

No capítulo *Las sorpresas en España*, Dia estabelece uma série de comparações entre a vida na África e a vida na Espanha. A visão sobre o país europeu é a de quem sofreu um choque cultural. O autor senegalês estranha as cidades espanholas, cujas superfícies são completamente cobertas de cimento, sente falta de pisar na terra. As cidades são metaforizadas como prisões, por causa da sensação de aprisionamento e de falta de espaço que o imigrante africano observa nelas. O narrador-protagonista admira-se do fato de que o trabalho humano tenha sido substituído por máquinas, e nota o quão barulhentas são as cidades espanholas, um ruído para o qual os ouvidos espanhóis parecem surdos.

Dia analisa a relação que os europeus mantêm com o tempo: estão sempre com pressa, acelerados, dedicam-se muito ao trabalho, ao dinheiro e ao consumo, têm a vida programada em agendas. Na percepção do africano, é como se os europeus vivessem sabendo que lhes resta pouco tempo de vida. Nos rostos dos espanhóis, ele nota os efeitos da vida vivida sob pressão. As relações humanas são distantes, faltam sorrisos e sobra frieza e seriedade. Em meio à multidão, todos parecem solitários. Dia percebe com estranheza a atitude de resistência ao envelhecimento, o desejo de aparentar ser eternamente jovem, a centralidade da preocupação com a aparência.

Neste fragmento de prosa poética, por meio de um paralelismo antitético, o escritor senegalês sintetiza suas percepções sobre a Espanha, relativizando a noção de bem-estar e as ideias de riqueza e pobreza, tradicionalmente associadas, respectivamente, à Europa e à África:

O bem-estar oferece um chalé com uma piscina e um jardim, mas sem tempo nem oportunidade para estar ali.

O bem-estar oferece dinheiro, mas com um medo que lhe rouba a tranquilidade para desfrutá-lo.

O bem-estar oferece uma sala bem equipada, limpa e organizada, onde ninguém se reúne.



O bem-estar lhe dá um carro com cinco assento, mas só um é usado, os demais parecem decorativos.

O bem-estar é avanço que gera muito medo e ignorância.

É dedicar tempo a um desconhecido internauta que está muito distante, para que seja seu amigo, e ignorar o vizinho do apartamento da frente.

O bem-estar é entrar fechando e sair fechando a casa, ser uma pessoa fechada que não confia em ninguém.

O bem-estar, finalmente, é ser pobre; ter tudo, até o que você não precisa, mas não poder desfrutar de nada. (DIA, 2017, p. 68. Tradução do autor)⁹

O testemunho de Dia é genericamente híbrido. Além da narrativa de teor testemunhal, dos poemas e dos trechos em prosa poética, há outros gêneros como, por exemplo, o capítulo *Un ejemplo de mañana dura*, escrito em forma de diário. Nesse texto, Dia relata a manhã em que, mesmo vivendo no “paraíso”, quase morreu de fome, recebeu uma ordem de expulsão do país e chegou a pensar em suicídio. Além de constantemente comparar Senegal/África e Espanha/Europa, Dia confronta as ideias preconcebidas sobre esses dois espaços às constatações oriundas de sua experiência, o que contraria o senso comum: “Soube o que era realmente a fome, mas não no meu país que é subdesenvolvido, porque lá tudo se compartilha, mas aqui, na Espanha que é um país desenvolvido.” (DIA, 2017, p. 74. Tradução do autor)¹⁰

Nessa dinâmica da comparação, no capítulo *La carta que no llegó*, um texto no qual Dia interpõe uma carta escrita por uma imigrante nigeriana à sua família, a autora aponta a contradição da proximidade geográfica *versus* distância cultural:

Os espanhóis são de todos os tipos: tem os que querem te ajudar e te dão um pacote de lentilhas; outros falam da imigração sem saber, acham que morremos de fome, que nos matamos uns aos outros. Não sabem nada de mim, da minha etnia, da minha cultura. É uma pena mamãe, tão perto e tão longe. Sabem pouco da África e estão tão perto de nós, da nossa África. (DIA, 2017, p. 87. Tradução do autor)¹¹

⁹ Cf. “El bienestar ofrece un chalet con una piscina y un jardín pero sin tiempo ni oportunidad para estar allí.

El bienestar ofrece dinero, pero con un miedo que te roba la tranquilidad de disfrutarlo.

El bienestar ofrece un salón bien equipado, limpio y ordenado, donde no se reúne nadie.

El bienestar te da un coche con cinco asientos pero solo se usa uno, los demás parecen de decoración.

El bienestar es avance que genera mucho miedo e ignorancia.

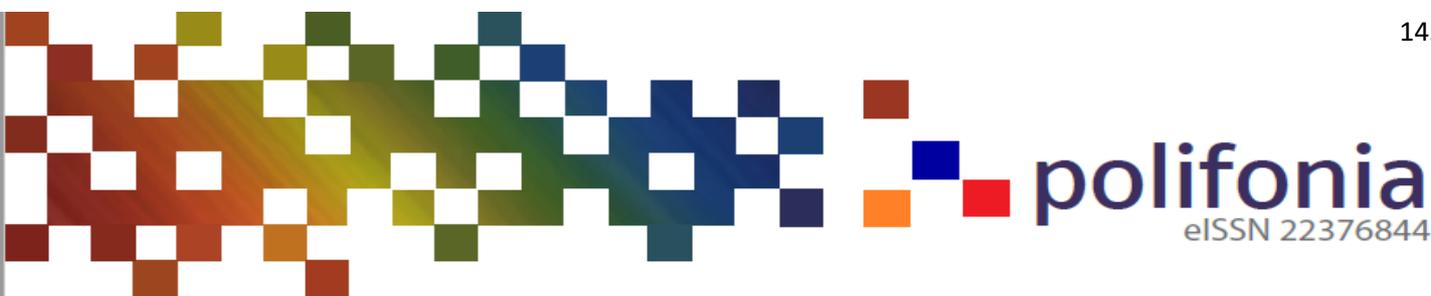
Es dedicar tiempo a un desconocido internauta que está muy lejos, para que sea tu amigo, e ignorar al vecino del piso de enfrente.

El bienestar es entrar cerrando y salir cerrando la casa, ser una persona cerrada que no se fía de nadie.

El bienestar, al final, es ser pobre; tenerlo todo, hasta lo que no necesitas, pero no poder disfrutarlo.” (DIA, 2017, p. 68)

¹⁰ Cf. “Había conseguido saber lo que era realmente el hambre, pero no en mi país, que es subdesarrollado, porque allí todo se comparte, pero sí aquí, en España, que es un país desarrollado.” (DIA, 2017, p. 74)

¹¹ Cf. “Los españoles, los hay de todas las clases: los hay que quieren ayudarte y te dan un paquete de lentejas; otros hablan de la inmigración sin saber, creen que morimos de hambre, que nos matamos entre nosotros. No saben nada de mí, de mi etnia, de mi cultura. Es una pena, mamá, tan cerca y tan lejos. Saben poco de África y están tan cerca de nosotros, de nuestra África.” (DIA, 2017, p. 87)



De acordo com Marqués Meseguer (2017, p. 11), o espaço humano é heterogêneo, está sempre em mutação, nunca é fixo, e essa mobilidade está intimamente ligada ao tempo. Como observador da Espanha, Dia teve a oportunidade de contemplar o país em uma temporalidade histórica crucial: o período da grave crise econômica que se abateu sobre o país em 2008. Trabalhando em uma ONG promotora de inclusão social e de interculturalidade durante a crise, Dia conheceu a outra face da realidade espanhola, um país que assim como o Senegal, sofre com a desigualdade social, a miséria, a drogadição, o abandono, a marginalidade e a violência, uma versão do país europeu que, segundo o autor, nunca aparece na mídia senegalesa.

No último capítulo do testemunho, uma carta que Dia endereça a um dos irmãos mais jovens que permaneceu na África, o escritor desmistifica a imagem da Espanha como “El dorado”, e oferece uma visão africana sobre a crise na Espanha: observa a escalada da pobreza no país e a submissão de trabalhadores espanhóis qualificados a subempregos. Reitera a ideia de que a mídia vende uma imagem distorcida da Europa para os africanos, e reflete sobre como a situação dos imigrantes subsaarianos se agravou com a crise: eles tiveram de se sujeitar à prostituição, às formas de escravidão moderna, às redes de tráfico humano, tornaram-se os sem teto do país. Na carta, surge um tema recorrente, tanto no testemunho de Kalilu quanto no de Dia: o apelo à juventude africana para que não se deixe seduzir pela promessa da imigração, para que permaneça na África e ajude a construir o futuro do continente.

No Epílogo, Dia encerra suas considerações ponderando que a noção que os jovens africanos têm da Europa/Espanha antes de imigrar é uma ficção: “O fato de descobrir que realmente não era um espaço físico, nem um país, nem um continente, mas apenas o fruto do que eu tinha criado com a força da minha própria imaginação, somado ao imenso poder da televisão, me decepcionou.” (DIA, 2017, p. 126. Tradução do autor)¹²

4. A ilegalidade como entre lugar

¹² Cf. “El resultado de saber que realmente no era un espacio físico ni un país ni un continente, sino solamente el fruto de lo que había creado con la fuerza de mi propia imaginación sumándola al inmenso poder de la televisión, me decepcionó.” (DIA, 2017, p. 126)



Assim como no testemunho de Kalilu, no relato de Dia a categoria do entre lugar também é mobilizada para narrar um aspecto de sua experiência de imigração. Mas, se para o gambiano o entre lugar é a viagem entre o inóspito continente africano e a terra prometida, no texto do senegalês essa categoria pode ser aplicada para representar a angústia do imigrante subsaariano perante a condição de ilegalidade. Ao abordar esse tema, o objetivo de Dia parece ser o de denunciar a crueldade e o contrassenso da legislação espanhola para a imigração: o país permite a entrada do imigrante, mas uma vez que ele se encontra no território, é considerado clandestino e destituído de quaisquer direitos à cidadania. Trata-se de um círculo vicioso: o clandestino não pode trabalhar legalmente e, sem trabalho formal, não há como obter a permissão de residência. Dia relata o quão difícil foi viver como clandestino em um país no qual políticos, inclusive os do mais alto escalão, são favoráveis à expulsão dos imigrantes ilegais.

Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt (1989) aponta o paradoxo dos Estados-nação europeus que, instituídos sob a égide da Declaração dos Direitos do Homem do final do século XVIII, foram incapazes de garantir os direitos humanos das massas que, na primeira metade do século XX, deixaram de ser protegidas pela segurança de uma nacionalidade: a perda dos direitos nacionais significava a perda dos direitos como ser humano. O estrangeiro, na imagem criada por Kristeva (1994, p. 102) a partir das reflexões de Arendt, passa a ser uma “cicatriz” entre o homem e o cidadão. Pautando-se também pelo texto fundador de Arendt, Giorgio Agamben (1996, p. 43) pondera que, se para ser considerado cidadão de uma determinada nação é necessário nascer nela, torna-se difícil definir politicamente a figura do imigrante, do refugiado ou do exilado. Essas pessoas não têm seus direitos assegurados, mas tão pouco estão condenadas porque não são, de nenhum modo, contempladas dentro dos sistemas jurídicos dos estados-nação onde se encontram, não estão dentro, nem fora.

O testemunho de Dia promove reflexões justamente sobre essa contradição europeia entre cidadania e humanidade, no sentido de que o não cidadão tampouco é considerado ser humano. O autor senegalês questiona o conceito de liberdade conforme ele foi proposto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na qual se embasam as constituições dos países europeus, e relativiza a noção de liberdade sob a clandestinidade, como neste trecho de prosa poética:



O que é legal? O que é ilegal? Quando um cidadão europeu viaja ao meu país é como um pássaro que pula de um galho ao outro. Do que precisa um pássaro para viajar até outro galho? Nada, só de suas asas; assim como um europeu, que só precisa do desejo de ir. Mas, se um africano quer viajar para fazer a vida, estudar ou visitar, é como se alguém quisesse devolver a vida a um morto. Impossível.

Até quando?

Até quando?

Faz pouco tempo que aprendi que legal é uma questão de gosto e interesse. Eu gosto ou me interessa, é legal; não me interessa, é ilegal, está proibido, não pode ser feito, é um delito, é uma pena. De verdade, que pena! (DIA, 2017, p. 72 – 73. Tradução do autor)¹³

Até encontrar emprego, Dia viveu na rua, teve de procurar comida no lixo, beber água não potável nas fontes públicas. Os sentimentos relatados no testemunho são de solidão, esquecimento, marginalização, isolamento, invisibilidade. Na carta da amiga nigeriana que Dia interpõe em seu testemunho, a imigrante pondera: “[...] se você não tem papéis não é ninguém, não existe, é um ilegal, invisível.” (DIA, 2017, p. 86. Tradução do autor)¹⁴

A vida do imigrante é um constante viver no entre lugar, porque ele não está no espaço afável da terra natal, e não é acolhido ou integrado ao país de imigração. Em seu testemunho, Dia contraria a imagem da Espanha como país acolhedor e integrador, e questiona os sentidos das palavras igualdade e liberdade. O autor nega que a recusa à integração seja uma atitude dos imigrantes e acusa a sociedade espanhola de resistir a essa integração. Sofre racismo e é visto como ameaça pelos trabalhadores espanhóis menos qualificados do que ele. No capítulo *Sin papeles*, o escritor senegalês faz um clamor aos cidadãos europeus pela integração e aceitação da interculturalidade, e aponta a responsabilidade da Europa na condição da África atual refletindo, em um trecho de prosa poética seguido de um poema, sobre a condição do imigrante no entre lugar:

Você me roubou meu passado porque me tirou a força para construir meu presente. Você me roubou meu presente porque minha voz não tem som, ninguém a escuta, não posso dizer nada, você é o chefe deste mundo e é o que manda. Você me roubou meu futuro até me tirá-lo. Você me roubou minha dignidade, porque nas

¹³ Cf. “¿Qué es legal?, ¿qué es ilegal? Cuando un ciudadano europeo viaja a mi país es como un pájaro que pasa de una rama a otra. ¿Qué necesita un pájaro para viajar hacia otra rama? Nada, sólo sus alas; igual que un europeo, que solo necesita las ganar de ir. Pero si un africano quiere viajar para buscarse la vida, estudiar o visitar, es como si alguien quisiera devolverle la vida a un muerto. Imposible.

¿Hasta cuándo?

¿Hasta cuándo?

Hace poco aprendí que legal era cuestión de gusto e interés. Me gusta o me interesa, es legal; no me interesa, es ilegal, está prohibido, no se puede hacer, es un delito, es una pena. De verdad, ¿qué pena!” (DIA, 2017, p. 72 – 73)

¹⁴ Cf. “[...] si no tienes papeles no eres nadie, no existes, eres un ilegal, invisible.” (DIA, 2017, p. 86)



condições em que me deixou tenho que mentir, roubar ou me prostituir para sobreviver.

Você me roubou minha liberdade, porque a injustiça faz com que eu não tenha direito a circular no território. Você me roubou a confiança, tirando da minha cabeça o orgulho de lutar, a vontade de viver e de triunfar. Você me roubou até meu nome me chamando de “sem papel”.

“Sem papéis” ou “Clandestino”.

Sem papéis, sem voz

Sem papéis, sem direitos

Sem papéis, sem liberdade

Sem papéis, sem consideração

Não sou pessoa porque não tenho papéis,

Não posso trabalhar porque sou irregular,

Não posso ter um teto

porque sou clandestino.

Sem papéis, sem voz

Sem papéis, sem direitos

Sem papéis, sem liberdade

Sem papéis, sem consideração

Sem papéis, clandestino (DIA, 2017, p. 93 – 94. Tradução do autor)¹⁵

5. Considerações finais

Ao concluir a leitura do testemunho *El viaje de Kalilu*, do gambiano Kalilu Jammeh, o leitor se vê diante da reprodução de uma antiga dicotomia eurocêntrica na qual os continentes, africano e europeu, ainda são associados às alegorias inferno e paraíso, respectivamente. A

¹⁵ Cf. “Me has robado mi pasado porque me has quitado la fuerza para construir mi presente. Me has robado mi presente porque mi voz no tiene tono, nadie la escucha, no puedo decir nada, tú eres el jefe de este mundo y eres el que manda. Me has robado mi futuro hasta quitármelo. Me has robado mi dignidad porque en las condiciones en las que me has dejado tengo que mentir, robar o prostituirme para sobrevivir.

Me has robado la libertad porque la injusticia hace que no tenga derecho a circular en el territorio. Me has robado la confianza quitándome de mi cabeza el orgullo de luchar, las ganas de vivir y de triunfar. Me has robado hasta mi nombre llamándome ‘sin papel’.

‘Sin Papeles’ o ‘Clandestino’.

Sin papeles, sin voz

Sin papeles, sin derechos

Sin papeles, sin libertad

Sin papeles, sin consideración

No soy persona porque no tengo papeles,

No puedo trabajar porque soy irregular,

No puedo tener un techo

porque soy clandestino.

Sin papeles, sin voz

Sin papeles, sin derecho

Sin papeles, sin libertad

Sin papeles, sin consideración

Sin papeles, clandestino” (DIA, 2017, p. 93 – 94).



narrativa de Kalilu é centrada no relato das agruras da viagem de imigração, pois o narrador-protagonista dedica apenas um capítulo em contar, de forma breve, superficial e acrítica, sua experiência como imigrante na Espanha.

Entretanto, o relato de Kalilu é relevante por dar testemunho da tragédia contemporânea que é a diáspora africana. Quem vê os imigrantes subsaarianos desembarcando clandestinamente nas praias europeias não pode suspeitar há quantos meses ou anos eles deixaram suas casas, e o calvário do qual são sobreviventes. O testemunho de Kalilu completa essa lacuna que a opinião pública internacional ignora. Ao construir uma autêntica narrativa do trauma, minuciosa e abundantemente descritiva, o escritor gambiano oferece a seu leitor uma dimensão realista e completa da experiência do africano que decide imigrar, além de denunciar a ampla e intrincada rede que explora a imigração ilegal na África. Seu testemunho é tão chocante quanto os dos sobreviventes das deportações nazistas aos campos de concentração. O livro de Kalilu permite afirmar que não é exagero encarar a presente catástrofe vivida no continente africano, como uma repetição contemporânea do holocausto.

Além disso, o relato do escritor gambiano apresenta um dado pouco conhecido ou discutido, o de que a África é hoje um enorme entre lugar, um continente de seres humanos deslocados, perdidos entre a terra natal e a tão sonhada Europa.

No entanto, o testemunho de Kalilu perde ao permitir que um leitor mais experimentado leia, no subtexto, uma visão ingênua sobre a Espanha, em contraponto de uma visão ressentida sobre o próprio continente africano. Da maneira como o escritor gambiano construiu seu relato, a catástrofe ainda parece ser responsabilidade da própria África, que é vinculada aos signos da escravidão, da bestialidade e da tortura, enquanto a Espanha aparece associada à dignidade e à liberdade, um território alcançado apenas pelos heroicos sobreviventes.

3052 é um texto diametralmente oposto ao testemunho de Kalilu. A África é apresentada sob um prisma positivo, de valorização de seus aspectos culturais e sociais. Mamadou Dia resgata o Senegal a partir do ponto de vista de uma memória afetiva.

A obra do senegalês é literariamente superior à de Kalilu pela poeticidade de sua linguagem e pela amplitude e profundidade das reflexões temáticas. A narrativa de Dia, centrada mais na experiência do imigrante subsaariano na Espanha, é com certeza menos traumática, mas não é incauta, ela aborda com propriedade os problemas do continente africano. Ao invés de apenas mostrar a África como violenta e caótica como faz Kalilu, Dia inverte a



mira e aponta para as grandes potências mundiais como as responsáveis pela barbárie. O escritor senegalês demonstra maior consciência histórica e capacidade de análise da atualidade, promovendo discussões sobre temas como a escravidão e a colonização, estabelecendo conexões entre a história e o presente.

Sob a categoria do entre lugar, Dia denuncia o absurdo da condição do imigrante ilegal na Espanha, uma “cicatriz” ambulante, para usar a metáfora de Kristeva (1994, p. 102), nem cidadão, nem ser humano.

O escritor senegalês subverte as noções preconcebidas sobre África e Europa, apresentando uma visão madura, lúcida, aguda e reveladora sobre a Espanha.

O maior valor de um texto como o de Dia reside no fato de fazer com que a cêntrica Europa se veja a partir do olhar desse outro que, numa inversão de perspectiva historicamente recente, ocupa a posição e o poder enunciativo. E a Espanha, vista pelo avesso, já não é assim tão bonita.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Política del exilio. Trad. Dante Bernardi. *Archipiélago, cuadernos de crítica de la cultura*, n. 26 – 27, p. 41 – 52, 1996. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=143>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

ALONSO CALDERÓN, Xavier; PAJARES ALONSO, Miguel; RECOLONS ARQUER, Lluís. *Inmigración y crisis en España*. Barcelona: Fundació Migra Studium, 2015.

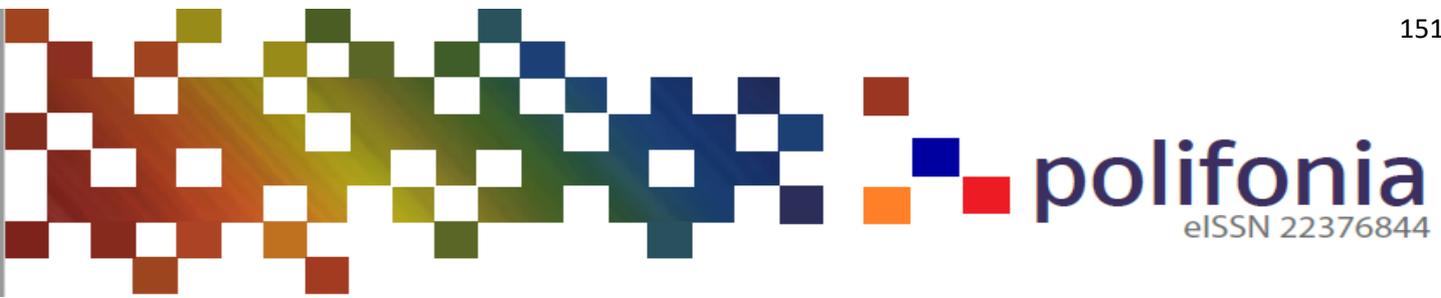
ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BAJO ERRO, Carlos. Las historias migrantes. *El mundo*, Madri, 24 jul. 2015, Voces, Blog. Disponível em: < <https://www.elmundo.es/blogs/elmundo/voces/2015/07/24/las-historias-migrantes.html>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

CABEZAS, Joan Manuel. Prólogo. In: JAMMEH, Kalilu. *El viaje de Kalilu: cuando llegar al paraíso es un infierno*. Barcelona: Plataforma, 2009. E-book.

DIA, Mamadou. *3052. Persiguiendo un sueño*. Murcia: Punto rojo, 2013.



JAMMEH, Kalilu. *El viaje de Kalilu: cuando llegar al paraíso es un infierno*. Barcelona: Plataforma, 2009. *E-book*.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUNZ, Marco. La inmigración en la literatura española contemporánea: un panorama crítico. In: ANDRÉS-SUÁREZ, Irene; KUNZ, Marco; D'ORS, Inés. *La inmigración en la literatura española contemporánea*. Madrid: Verbum, 2003, p. 109 – 136.

MARQUÉS MESEGUER, Josep. Bertrand Westphal, un referente de la geocrítica. *Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I*, Castellón, v. XVII, p. 9 – 20, 2017.